FRAGMENTAÇÃO URBANA E SOCIABILIDADE JUVENIL EM JOÃO PESSOA: o skate e o hip-hop

Tereza Correia da Nóbrega Queiroz

Resumo

Este trabalho analisa as transformações urbanas que vêm ocorrendo na cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, e algumas formas de sociabilidade juvenil a elas relacionadas. Acompanhando tendências mais gerais de desenvolvimento urbano, a cidade de João Pessoa vem se tornando crescentemente segmentada e vem consolidando novas formas de segregação urbana. Os jovens que habitam bairros de periferia, socialmente desvalorizados, desenvolvem diferentes formas de sociabilidade e auto-expressão que constituem sub-culturas juvenis específicas e cujo conteúdo responde em parte às exclusões e discriminações experimentadas. Uma das atividades expressivas de jovens urbanos é o skate, em torno do qual se aglutinam jovens de diferentes localidades. Na modalidade street, os skatistas inventam um modo peculiar de navegação pela cidade, ultrapassando seus limites reais ou imaginários e reinventando os usos e significados dos equipamentos urbanos. O movimento hip-hop representa outra forma de resposta juvenil de moradores da periferia à vivência no mundo urbano, cuja especificidade é a criação de uma identidade positiva para jovens pobres e o impulso para a criação artística, em que se faz o relato e a denúncia do cotidiano da cidade.

Palavras-chave

Sociabilidade juvenil. Cidade. Hip-hop. Skate.

URBAN FRAGMENTATION AND YOUTH SOCIABILITY IN JOÃO PESSOA CITY: skate and hip-hop

Abstract

This work analyses urban transformations that has been taking place in João Pessoa City, capital of the Paraíba State, and also ways of youth sociability related to these transformations. Following general urban developing trends, João Pessoa City has becoming increasingly segmented and consolidating new ways of urban segregation. Young people from periphery districts, and that are socially depreciated, presents different sociability and self-expression ways. These innovations characterise specific youth sub-cultures whose contents answer in some way to the exclusions and discriminations lived in their world. One of the most expressive youth activities is skating, in which young people from different locations can join together. In the skating street modality, skaters create a peculiar and new navigation style around the city, surpassing their real or imaginary limits and also recreating usability and meaning of urban equipment. Hip Hop represents another type of outskirts youth answer to life in the urban world. A distinguishing characteristic is the creation of a positive identity to poor young people, and also the impulse for artistic creation, where narration and denounce about daily life is made.

Keywords

Youth sociability. City. Hip hop. Skate.

Introdução

Pretendemos explorar, neste artigo, as transformações recentes por que vem passando a cidade de João Pessoa, na Paraíba, e como estas transformações modificam a experiência juvenil na cidade.

Num mundo em crescente processo de interconexão, as cidades vêm sofrendo influências de dinâmicas globais, ao mesmo tempo em que sua história e cultura peculiares garantem a presença de traços diferenciais.

Em João Pessoa, a intensificação do crescimento urbano é relativamente recente. Capital do estado da Paraíba, fundada em 1585, até meados do séc. XX a cidade apresentou um crescimento muito lento. Sua expansão urbana se intensificou sobretudo a partir de 1975 e no início do séc. XXI ela vivencia um crescimento do setor de serviços, uma multiplicação dos shopping centers, uma expansão de construções habitacionais de alto padrão e, também, um aumento do

número de favelas, evidenciando a dupla face de nosso modelo de desenvolvimento, que vem acompanhado do fenômeno da exclusão social.

Acompanhando tendências globais no estilo de desenvolvimento urbano, João Pessoa transforma-se gradativamente em uma cidade segmentada, onde as diferenças entre espaços nobres e não nobres vem se tomando cada vez maior. Ao lado desta tendência observa-se uma diminuição dos espaços públicos e ampliação daqueles privados, o que torna mais intensos os processos de hierarquização e segregação social.

E neste cenário urbano, os grupos juvenis e as culturas que produzem apresentam uma enorme vitalidade. A cada dia se constituem novos grupos, que inventam modos originais de conviver e circular pela cidade. Entendemos que às crescentes hierarquização e privatização das cidades os jovens respondem com a formação de grupos de pares, a partir dos quais recriam os espaços do bairro com a descoberta de novas formas de sociabilidade e lazer; com a ampliação dos espaços de circulação; e com a produção de uma forma de arte tomada acessível a todos e que pretende ser uma crônica e uma denúncia sobre seu cotidiano. As formas atuais de resistência da juventude urbana são variadas, dispersas e passam em grande parte pela criação de grupos de estilo e pela invenção de formas de reapropriação do espaço urbano excludente.

Vamos explorar neste artigo o skate, enquanto uma prática esportiva juvenil que representa um modo de circulação pela cidade; e o hip-hop, expressão cultural juvenil que vem tendo certa expansão principalmente entre jovens moradores de periferias urbanas, que encontraram na arte e na sociabilidade que se desenvolve em torno de sua produção um modo peculiar de apropriação e recriação da cidade e de suas perspectivas de vida.

2 As cidades no mundo globalizado

Os estudos recentes sobre a urbanização apontam para a generalização de problemas tanto para países desenvolvidos como subdesenvolvidos, e destacam seus efeitos contraditórios sobre a cidade contemporânea, impulsionando processos de inclusão e exclusão social.

Castells (1999) analisa a complexidade da interação entre a tecnologia, a sociedade e o espaço nas sociedades contemporâneas. Considera que a manifestação espacial hegemônica de poder e função em nossas sociedades é o espaço de fluxos, que se opõe ao espaço de lugares. Com base em uma ampla

pesquisa, mostra a crescente interligação de atividades financeiras, comerciais e industriais; interligação que ocorre aprofundando e redefinindo hierarquias. Por isso, para ele, o fenômeno das cidades globais não pode ser reduzido a alguns núcleos urbanos no topo da hierarquia, já que serviços, centros produtores e mercados se conectam em redes globais com intensidades e escalas diferenciadas. A importância dos centros urbanos permanece, pois concentram fornecedores e mão-de-obra especializada, instalações empresariais financeiras e comerciais que envolvem despesas elevadas dificultando uma mobilidade constante, além de serem o cenário de contatos sociais importantes e de oferecerem maiores oportunidades de aperfeiçoamento pessoal, status social e auto-satisfação aos liberais de nível superior. Para ele:

A cidade global não é um lugar, mas um processo. Um processo por meio do qual os centros produtivos e de consumo de serviços avançados e suas sociedades auxiliares estão conectados em uma rede global embora, ao mesmo tempo, diminuam a importância das conexões com suas hinterlândias, com base em fluxos de informação. (CASTELLS, 1999, p. 412).

Apesar de toda a parafernália informacional, as cidades não perdem sua importância e sofrem crescentes processos de diferenciação social e segmentação. Os processos de dominação se redefinem, e ao mesmo tempo em que aumenta a capacidade organizacional das elites dominantes aumenta sua capacidade de desorganizar a massa: "a articulação das elites e a segmentação e desorganização da massa parecem ser os mecanismos gêmeos da dominação social em nossas sociedades [...] As elites são cosmopolitas, as pessoas são locais" (CASTELLS, 1999, p. 440).

A percepção deste modo novo de organização do poder permite a Castells interpretar os modos de ordenamento das cidades, as disposições espaciais, a arquitetura. Ele chama a atenção para a constituição de dois mundos quase paralelos, apontando para uma esquizofrenia que fratura o tecido social e as cidades: de um lado, as elites que se organizam em espaços de fluxos; do outro, as pessoas comuns que vivem a experiência dos lugares, das significações simbólicas particulares. Essa nova lógica de dominação vem contribuindo para a formação de cidades segmentadas.

As pesquisas de Teresa Caldeira sobre as novas formas da segregação urbana apontam para tendências semelhantes às indicadas por Castells. Os enclaves fortificados constituem a expressão principal das novas formas de segregação

urbana. Eles se constituem enquanto espaços privatizados, fechados, monitorados; para residência, consumo, lazer e trabalho. Suas características principais são: constituem propriedade privada para uso coletivo; são fisicamente isolados por muros, espaços vazios, etc.; envolvem uma concentração de serviços que lhes garante relativa autonomia; são espaços socialmente homogêneos; são símbolos de status. Os enclaves fortificados são uma maneira diferente de organizar as diferenças sociais e criar segregação com a construção de barreiras físicas, de sistemas privados de segurança, que vão gerar uma pretensa autonomia em relação ao exterior, caracterizando uma relação de evitação com o exterior. Este modelo de cidade se contrapõe à experiência moderna de vida pública, que atribuía primazia à rua, exaltava a livre circulação das pessoas, os encontros impessoais e anônimos, a heterogeneidade social e a manifestação política. As tendências recentes que valorizam a desigualdade e a separação entre diferentes contradizem as possibilidades de abertura, liberdade e possibilidade de incorporação que foram assimiladas à experiência urbana moderna.

No mundo do trabalho, mudanças que envolvem um processo profundo de reestruturação produtiva vêm ampliando a insegurança do emprego e sua precarização, afetando de forma significativa os mais jovens que iniciam sua entrada no mundo adulto. Boa parcela deste contingente, especialmente os mais pauperizados, vê com incerteza seu presente e seu futuro.

Observa-se ainda um contexto mundial marcado pela perda de alteridade decorrente do declínio do *welfare state* e do esgotamento da promessa do socialismo, observando-se uma radicalização dos valores ligados ao mercado, à competição, ao individualismo; colocando-se em segundo plano os valores igualitários e as formas de proteção social. Ocorre ainda um intenso processo de mundialização da cultura que parece homogeneizar gostos, estilos de vida e padrões de consumo, ao mesmo tempo em que empalidecem vetores da cultura nacional e ressurgem formas culturais locais.

Como já apontado anteriormente, uma das tendências de desenvolvimento das cidades tem sido a fragmentação urbana e a territorialização. Estes fenômenos são expressão do caráter contraditório da globalização que unifica internacionalmente e fraciona localmente; da consolidação no urbano da desigualdade social que, radicalizando condições econômicas e culturais, torna incompatível a aproximação territorial entre segmentos sociais diferentes; e da manifestação do medo e insegurança sociais, que se refletem nos comportamentos de evitação, defesa e rejeição da sociabilidade urbana (QUIROGA et al., 2001).

Entender as tendências macro-estruturais que vêm condicionando o desenvolvimento recente das cidades não nos exime de atentar para o que acontece no cotidiano das pessoas comuns, para suas formas de sociabilidade e de atuação na cidade. Este convite nos faz Magnani (2002), que alerta para os esquematismos de algumas análises nas quais parecem inexistir sujeitos sociais, ou só são assim considerados os que formam nossas elites políticas ou empresariais, ao passo que:

Já os moradores propriamente ditos, que em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos etc., constituem o elemento que dá vida à metrópole, não aparecem, e quando o fazem, é na qualidade da parte passiva (os excluídos, os espoliados) de todo o intrincado processo urbano. (MAGNANI, 2002, p. 15).

Defende então que o olhar "de longe e de fora" não esgota toda a complexidade da experiência urbana e propõe um olhar "de perto e de dentro" para "captar aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números" (MAGNANI, 2002, p. 16).

Nosso estudo pretende articular as duas perspectivas. Levaremos em consideração as tendências e processos macro-estruturais que vêm afetando o desenvolvimento das cidades contemporâneas e a cidade de João Pessoa em particular, os quais alteram a vida nas cidades e modificam a experiência juvenil no contexto urbano; porém, os moradores urbanos, entre os quais se incluem os jovens, não são apenas vítimas passivas de processos maiores, mas atuam muitas vezes sem *script* pré-determinado, resistem e reinventam a cidade de múltiplas e variadas maneiras.

Abordaremos em seguida as transformações que vêm se processando nas últimas décadas na cidade de João Pessoa e as reações de alguns grupos juvenis a estas mudanças. Como os jovens estão reagindo à crescente fragmentação e privatização da cidade?

3 João Pessoa: crescimento urbano e fragmentação social

João Pessoa, capital do estado da Paraíba e situada no litoral nordestino, vem experimentando ao longo do tempo um crescimento de sua população e de seu território ocupado, com a expansão de novos bairros e favelas. Sua população

atual é de 597.934 habitantes.¹ A taxa média de crescimento populacional foi elevada na década de 1980 (cerca de 4,1 % ao ano) e vem mantendo um ritmo menor nos últimos anos (3,79 em 1991, 2,02 em 1996 e 2,14 no ano 2000).² Sua população jovem é expressiva, totalizando 138.641 pessoas na faixa etária de 14 a 24 anos, o que representa 23,19% da população total da cidade.³

O crescimento da cidade não ocorre de forma equilibrada, observando-se um aumento das desigualdades sociais, que se tomam visíveis nas formas de estruturação do espaço urbano. A cidade é constituída atualmente por 64 bairros e 99 aglomerados que apresentam fortes desigualdades de renda entre si. De acordo com os dados do Censo 2000, os bairros que apresentam os maiores valores de rendimento médio mensal das pessoas responsáveis pelos domicílios são: Cabo Branco (3.127,27 reais), Tambaú (2.961,46 reais), Jardim Oceania (2.953,88 reais), Manaíra (2.770,02 reais), Brisamar (2.735,53 reais), Bairro dos Estados (2.603,61 reais), Miramar (2.396,49 reais), Aeroclube (2.221,92 reais), Ponta do Seixas (2.162,29 reais), todos registrando valores acima de 2.000,00 reais. Por outro lado, os menores valores de rendimento médio mensal dos responsáveis pelos domicílios se encontram nos seguintes bairros: São José (232,29 reais), Ilha do Bispo (254,83 reais), Grotão (271,93 reais), Padre Zé (275,73 reais), Alto do Céu (279,15 reais), Distrito Industrial (285,58 reais), Mussumago (286,32 reais), Costa do Sol (327,64 reais) e Alto do Mateus (358,59 reais), todos com rendimentos situados abaixo de dois salários mínimos mensais.⁴

Outro dado ilustrativo da forma de crescimento da cidade é a distribuição de prédios de elevado padrão construtivo. Estes se concentram em sua maioria nos bairros da orla marítima, enquanto os de menor padrão construtivo se expandem nos bairros da zona sul da cidade.⁵ O formato desses prédios busca a separação e o isolamento do espaço público. Dispõem de aparatos de segurança que garantem a privacidade e a defesa contra intrusos, impedindo o livre acesso de pessoas não autorizadas. O mesmo fenômeno se observa nas residências horizontais de alto padrão, que aumentam sem cessar o tamanho de seus muros e seus aparatos de

¹ IBGE. Censo Demográfico 2000.

² Dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

³ IBGE. Censo Demográfico 2000

⁴ IBGE. Censo Demográfico 2000.

⁵ Informação fornecida por funcionário da Prefeitura Municipal.

segurança. As empresas privadas de segurança se diversificam, sofisticam seus métodos e são crescentemente solicitadas pelos moradores urbanos atemorizados. O medo urbano e a adoção de mecanismos de segurança pessoal e residencial se disseminam também nos bairros mais pobres da cidade, cujos moradores aumentam o tamanho dos muros que cercam as residências e colocam grades em suas portas e janelas, recorrendo ainda às empresas privadas de segurança que, de menor porte e com menos sofisticação tecnológica, também prestam seus serviços a usuários de menor poder aquisitivo.

Outro indicador importante da fragmentação urbana é o crescimento do número de shopping centers na cidade e sua localização. A expansão deste tipo de comércio é um sintoma da privatização de seus espaços. No interior dos shopping centers a circulação de transeuntes não é livre, já que os menos afortunados não são considerados aptos a transitar em seus corredores, sendo que um dos atrativos do local é certa garantia contra a violência urbana atribuída ao espaço da rua. Também o cuidado com a pavimentação de rodovias no interior da cidade, a duplicação de rodovias intermunicipais e a construção de viadutos revelam a supremacia dos automóveis e de seus ocupantes em termos das prioridades nas agendas governamentais. A redução ou supressão de canteiros centrais dividindo ruas que garantiam certa segurança ao pedestre indica a pouca importância a ele conferida e o predomínio dos automóveis no ordenamento da cidade. O mesmo pode ser dito a respeito do uso de calçadas como estacionamentos para automóveis, dificultando ou impedindo a circulação de pedestres.

Apesar da pouca importância com que são considerados na cidade que se moderniza, os mais pobres, seus bairros e moradias têm uma dimensão expressiva no espaço urbano. Em João Pessoa, no ano de 1997, foram identificados 108 aglomerados sub-normais", termo utilizado pela Fundação de Ação Comunitária (FAC), órgão ligado ao governo do Estado que atua em áreas carentes, para designar "áreas invadidas ou não cuja ocupação se deu em terreno público ou de terceiros, loteados ou não, que hoje apresentam precariedade ou inexistência de infra-estrutura e de serviços públicos essenciais". Estes aglomerados são compostos por favelas, bairros pobres, aglomerados rurais, ocupações de áreas destinadas a equipamentos

⁶ GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. Secretaria do Trabalho e Ação Social. Fundação de Ação Comunitária (FAC). *Aglomerados subnormais: diagnóstico e sugestões*. João Pessoa. 1998.

comunitários de conjuntos habitacionais, etc. Dados fornecidos pela Secretaria de Trabalho e Promoção Social da Prefeitura Municipal de João Pessoa informam que existem atualmente 99 aglomerados em João Pessoa, com uma população de 111.550 pessoas.

O relatório da FAC identifica ainda tendência de crescimento nestes aglomerados, que em 1992 eram em número de 92 e em 1997, de 108, apresentando um aumento de 14,89 %. No que se refere aos domicílios que compõem estes aglomerados, em 1992 totalizavam 16.899, passando para 24.363 em 1997, com expansão de 44,17%.

Alguns destes aglomerados situam-se em áreas consideradas de risco, dispondo-se ao longo de rios, riachos, à margem de estradas federais, em encostas que em épocas chuvosas são passíveis de deslizamentos. Alguns se situam sob redes de alta tensão e um dos aglomerados localiza-se ao lado do lixão da cidade.

Os domicílios **estão** em geral localizados em ruas não pavimentadas, algumas se apresentando quase intransitáveis; observou-se o predomínio de casas isoladas e uma organização precária das habitações, sendo que a média de cômodos não chega a 5,0 por unidade pesquisada (4,8). Boa parte das residências é de alvenaria, encontrando-se ainda casas de taipa ou feitas com material reaproveitável. O tipo predominante de piso é o cimentado, porém muitas apresentam piso de chão batido. As instalações sanitárias são precárias e algumas das habitações não dispõem de privadas. Inexiste rede de esgotos na grande maioria das áreas, sendo as águas servidas escoadas a céu aberto até desembocarem nos vales dos rios Jaguaribe, Sanhauá, Paraíba, etc. No que se refere a rendimento, a renda média mensal informada no ano de 1997 foi de 80,00 reais, o que equivalia a cerca de 62% do salário mínimo vigente à época, que era de 130,00 reais.'

Acompanhando a desigual distribuição espacial da cidade, é nos bairros mais pobres que se situam os locais considerados mais violentos em João Pessoa, segundo uma concepção de violência que prioriza a criminalidade como dimensão maior. Nesta ótica, os locais onde acontece número maior de violência e criminalidade são: Alto do Céu (Mandacaru), Favela do Baleado (Cruz das Armas), Bola na Rede (Bairro dos Novais), Cangote do Urubu (Ilha do Bispo), Timbó (Bancários) e Alto das Populares (Santa Rita).

⁷As informações sobre rendimentos referem-se aos aglomerados subnonnais que compõem a grande João Pessoa, que inclui, além do município de João Pessoa, os de Cabedelo, Bayeux e Santa Rita.

As desigualdades de renda, de habitação, de infra-estrutura urbana, além dos processos simbólicos de atribuição de significado que valorizam as áreas nobres e desvalorizam aquelas habitadas pelos mais carentes, fazem de João Pessoa uma cidade fragmentada que estigmatiza sua população mais pobre.

A modernização de João Pessoa vem se fazendo, mas as desigualdades entre seus diferentes segmentos sociais estão aumentando e se expressam numa dinâmica de territorialização que delimita locais de riqueza e locais de pobreza, reduzindo a experiência contrastiva das cidades, conforme alguns estudiosos do fenômeno urbano vêm apontando. Um dos resultados deste processo tem sido certa 'guetização' de grupos relativamente uniformes em termos de riqueza e renda e status. A fragmentação entre seus diferentes bairros e populações passa a ser a expressão espacial e social desta desigualdade. Os vínculos entre suas distintas partes tendem a se diluir, traduzindo-se nas "cidades partidas", expressão feliz de Zuenir Ventura para falar do cenário contemporâneo das cidades.

4 Os jovens e a cidade

Existe toda uma linha de estudos no cruzamento da sociologia com a antropologia que rejeita a noção essencialista de juventude que atribui uma correspondência imediata entre determinado momento do curso da vida e juventude entendida como uma moratória, como um momento separado da existência voltado para a preparação para a vida adulta. Eisenstad (1976) discutiu a diferença entre as juventudes das sociedades tradicionais e das sociedades modernas, mostrando que é próprio destas últimas certa descontinuidade entre infância, juventude e o mundo adulto, o que tende a transformar a juventude numa idade problemática.

Ariés (1981) desenvolve a tese de que a juventude é uma invenção moderna, que emerge juntamente com a polarização entre vida pública e privada, e a disseminação de formas de classificação e hierarquização, em substituição à sociabilidade densa que vigorava na sociedade antiga e que misturava diferentes classes e grupos etários. A juventude é isolada num espaço específico de socialização - a escola - que substitui a forma anterior de aprendizagem onde a socialização ocorria no contato direto com o mundo e as atividades dos mais velhos, ao mesmo tempo em que ocorre uma ascensão do sentimento de família, sua crescente privatização e distanciamento em relação ao espaço público. Esta se redefine e se modificam também os papéis de seus componentes. A mulher é confinada ao espaço doméstico, passa a se responsabilizar pela educação e

formação das crianças.

Schindler (1996) questiona em parte as idéias de Ariés, demonstrando que na sociedade antiga havia já uma concepção de juventude, o que pode ser atestado pela vitalidade da cultura juvenil da época, explicitada em rituais e folguedos próprios desta etapa da vida. Naquela sociedade, porém, a juventude tinha outro sentido e função, e a interação e as trocas entre os mundos adulto e juvenil se faziam com mais frequência, tomando mais rico o contato intergeracional. Demonstra assim que a existência de culturas juvenis não é privilégio de sociedades onde prevalece certa ruptura entre as diferentes idades da vida.

Autores mais recentes como Abramo (1994) e Groppo (2000) atualizam o debate sobre a juventude contemporânea sinalizando as mudanças que vêm se processando nas formas de construção desta etapa da vida. Para Groppo, a juventude é entendida como uma representação social que tem repercussão sobre as práticas e comportamentos dos sujeitos. Trata-se de uma construção social que se refaz continuamente e que envolve uma diversidade de atores e instituições sociais, entre os quais se incluem os próprios jovens. Na elaboração da moderna noção de juventude tiveram papel destacado os pedagogos, a escola, a família e a ciência, em particular a psicologia. Outro aspecto destacado pelo autor diz respeito à desconfiança da modernidade em relação aos jovens, vistos, em geral, como instáveis e perigosos, a exigirem, portanto, uma vigilância permanente para não resvalarem por caminhos 'equivocados'. Poucas vezes se perguntou pelo mal-estar juvenil e sobre as razões de sua atração pelos caminhos avessos.

Atualmente é difícil falar de juventude dada a diversidade de manifestações e de caras com que ela se apresenta. Temos ainda um setor privilegiado que vem tendo um papel importante na configuração das juventudes contemporâneas: a mídia, que, na percepção de alguns, estaria desconstruindo a noção moderna de juventude com a quebra das barreiras que segregavam crianças e jovens em mundos separados. A juventude contemporânea tem também um papel significativo na construção de sua própria identidade e é sobre esta participação que nos debruçaremos no momento, tomando o exemplo do movimento hip-hop da cidade de João Pessoa.

Alguns processos sociais importantes vêm gerando mudanças na configuração da juventude contemporânea. Jesus Martin Barbero" afirma que

Ver em: <http://campus-oei.Org/lpensariberoamerica/ricOOa03.htm>

atualmente ela vem vivenciando a radicalização da experiência do "desencaixe" (GIDDENS, 1991), o que desorganiza mapas mentais e práticas locais e se expressa: na maior familiaridade com a cultura tecnológica e a gestação de uma nova sensibilidade estranha às tradições culturais; na desterritorialização, que envolve processos de privatização e de construção de não lugares, dificultando a identificação com o espaço e levando a novas formas de construção identitária; na adoção de novas sociabilidades que articulam o local e o global; e na construção de comunidades hermenêuticas "cuja ligação não provém nem de um território fixo, nem de um consenso racional e duradouro, mas da idade e do gênero, dos repertórios estéticos e gostos sexuais, dos estilos de vida e das exclusões sociais". As culturas juvenis expressariam assim a reconfiguração das sociabilidades e o mal-estar da sociedade contemporânea. Estas reflexões são sugestivas para interrogar sobre o caráter da sociabilidade juvenil na cidade de João Pessoa.

O que nos chama a atenção de imediato é a enorme vitalidade de manifestações culturais juvenis. Uma idéia dessa vitalidade pode ser observada em um catálogo sobre o meio alternativo paraibano, que identificou cerca de 40 bandas juvenis, praticando os mais diversos gêneros musicais: ao lado do rock, que predomina em termos de estilo, são citadas também bandas de hip-hop, punk-rock, pop-rock, regionais, eletrônica, etc. (RAMOS, 2001). Podemos afirmar com certeza que este número está subestimado, pois o recorte utilizado por esta publicação - a produção *underground* - não incluiu grupos de pagode ou MPB, que não são considerados neste registro. Outra publicação faz um mapeamento das diversas bandas de rock paraibanas que surgiram na década de 1980 (MEDEIROS e NUNES, 1998) Aberração Sonora, Adúltera, Albatroz, Anjos do Asfalto, Anti-Boys, Apocalipse, Atlânticos, Caveira, Censura Livre, Central Brasil, Clã de Athenas, Crepúsculo, Dândis, Danger, Delitos, Desertores, Desordem Armada, Domber, Desunidos, Egypto, Estação da Luz, Fantasmas da Guerra, Farpas, Filhos da P..., Id, Impacto Social, Incubus, Krueger, Limousine 58, Máfia, Marcha Fúnebre, Medicine Death, Mente Oculta, Módulo 3, Mória, Necrópolis, e muitas outras.

Também expressiva é a comunicação alternativa, principalmente através de fanzines, que tratam dos mais diversos temas, a exemplo de bandas de rock, filosofia, quadrinhos, maconha, design, música em geral, comportamento, sexo, night, anarquismo, mercados alternativos, extraterrestres, mentira, moda, fotografia, ecologia. Na publicação citada foram registrados 31 fanzines, o que não traduz a circulação real destas publicações, que é restrita e de difícil acesso aos não iniciados.

O impulso pelo gregário expresso nesta diversidade de grupos juvenis, suas formas de expressão cultural e de comunicação atuam na contramão dos processos de fragmentação da cidade ou revelam antes sua tendência à guetização, seu encerramento em grupos fechados e às vezes hostis aos de fora?

Em João Pessoa, como em outras localidades, observamos que os jovens respondem à fragmentação urbana com a formação de grupos de pares que se articulam em torno de uma diversidade de atividades, como música, esporte, lazer, etc. Alguns deles se definem por atividades culturais que incluem grupos de rock, de rap, entre outros. Os grupos estudados, em sua maioria, habitam na zona sul da cidade em conjuntos habitacionais de classe média baixa ou pobre (Geisel, Funcionários, Emani Sátiro, Mutirão Nova República).

Uma das formas mais difundidas através da qual os jovens desenvolvem sua sociabilidade e reagem à fragmentação urbana é o skate. Este é considerado um esporte radical de origem relativamente recente (década de 1950), originário dos Estados Unidos e que teve uma enorme difusão entre os jovens, principalmente do sexo masculino, passando a ser considerado um símbolo de juventude. A vantagem do skate, o que explica em parte sua expansão, é a acessibilidade de sua prática: não só o skate é relativamente acessível em termos econômicos como sua prática pode se dar tanto em pistas especializadas como no asfalto ou em praças das cidades.

Existem três modalidades principais de skate: *street*, em que o atleta anda na rua, tendo como obstáculos naturais escadarias, bancos, corrimões; *vertical*, que é a modalidade praticada em pistas com ângulos que variam entre 0° e 90°; e *downhill*, que consiste em descer ladeiras, modalidade em que a velocidade é o mais importante.

Em torno da prática deste esporte vem se constituindo uma cultura juvenil específica; os grupos que se aglutinam em torno do skate mantêm laços fortes entre si, porém os limites do grupo são fluidos, talvez em consequência dos múltiplos espaços nos quais ele pode ser praticado. O grupo se constitui motivado pela 'emoção' experimentada com o risco envolvido na prática de manobras radicais, o que envolve a aquisição de habilidades e controles corporais e emocionais. Outros atrativos são o prazer de enfrentar obstáculos, superar limites e desafiar o risco envolvido na prática das manobras. Também importante na experiência do grupo é o encontro comunitário, o sentir-se parte de um coletivo, num momento em que a experiência urbana é marcada pela fragmentação e pela descontinuidade e as relações intergeracionais são permeadas pelo conflito e pela dificuldade de comunicação.

Praticar o skate, ser skatista de 'alma', envolve a participação em um universo cultural mais amplo. Os jovens entrevistados falam da diferença que o skate fez em suas vidas, condicionando os amigos, a música que escutam, as formas de ver o mundo. A subcultura do skate envolve também formas de classificação que remetem a demarcações identitárias e ao estabelecimento de fronteiras entre o nós e os outros: skatista de 'alma' - que seria o autêntico, o que compartilha não só a prática do esporte, mas um estilo de vida comum; e o skatista desodorante-aquele que só desfila com o skate embaixo do braço, mas não compartilha o estilo de vida comum.

Na modalidade *street* o importante é a exploração da cidade e seus segredos, a reinvenção e redefinição de seus lugares. Trata-se de um modo de navegação pelo espaço urbano. Circulando em bandos, os skatistas ultrapassam os limites dos bairros da cidade, suas barreiras simbólicas, descobrem locais inusitados, encaram a diversidade da vida urbana e seus proscritos. Segundo um dos entrevistados, o skate tem esta vocação urbana, realista, em contraposição com o surf, que seria mais idílico, representando uma espécie de fuga da cidade para o paraíso do mar. O skate constitui uma forma de redesenhar sob outra ótica os equipamentos e os limites da cidade.

Para alguns dos jovens pesquisados, o skate representa uma forma de descoberta e apropriação da cidade. Se ela não propicia espaços de lazer para os jovens, eles os inventam, às vezes em seu próprio bairro, reutilizando materiais como canos, placas e outros semelhantes utilizados na sinalização pública e que são apropriados pelos mesmos; ou atribuindo um outro uso a bancos de praças, escadarias, corrimões, asfaltos. O skatista desenvolve também um senso estético apurado sobre a cidade, que visualiza de ângulos inusitados, permitidos pelas manobras arrojadas. Em alguns *sites* de skatistas encontramos fotos expressivas da cidade ao lado de flagrantes de skatistas durante a prática de manobras arrojadas.

O skate significa ainda um modo de circulação pela cidade, vivenciando-a como liberdade e conquista, envolvendo ainda um questionamento do tempo vivido como imposição e pressa. A esta vivência tipicamente urbana do tempo o skatista contrapõe uma concepção de tempo como fruição, voltado para a busca de expressividade, de controle sobre o corpo e de contemplação estética.

Mas também esta prática cultural juvenil vem sendo influenciada pelas forças que atuam no sentido da fragmentação da cidade. Em João Pessoa tem sido mais difundida a modalidade *street* porque um *half* que havia sido construído no Espaço

Cultural da cidade foi destruído por ordem de um dos presidentes daquela entidade. Esta decisão que se deu apesar do protesto organizado de grupos de skatistas, com repercussões na mídia local, representou mais uma ação que reforça as tendências segregacionistas apontadas. O *half* destruído era freqüentado por skatistas de procedências distintas, tanto moradores de bairros pobres como de lugares mais abastados. Sua destruição, sob pretexto de "moralizar" o lugar, de construir equipamentos mais adequados ao Espaço Cultural, representou simultaneamente a destruição de um espaço de lazer mais democrático. Como resultado observamos o reforço da dinâmica da territorialização, com os grupos diferentes deslocando-se cada um para o seu território de iguais, evitando-se o perigo da 'mistura'.

Esta destruição do *half* teve ainda como conseqüência certa resistência dos jovens, que passaram a praticar o skate em locais públicos nem sempre considerados adequados à prática do esporte, pois pode danificar os equipamentos urbanos. Ocorre ainda o deslocamento para locais distantes e periféricos onde encontram espaços mais adequados. O recapeamento das ruas da cidade com asfalto tem provocado outra onda de expansão do esporte, e seus adeptos passam a acrescentar mais riscos à sua prática ao disputar as pistas com automóveis em alta velocidade.

Outra forma expressiva de intervenção juvenil é o movimento hip-hop. Este movimento pode ser considerado como produtor de uma cultura juvenil tipicamente urbana. Trata-se de um movimento recente, que marca a presença de jovens que se agregam pelo sentimento de exclusão, e que elaboram um estilo de vida e uma forma de expressão artística que constrói um ponto de vista particular e bastante crítico sobre a sociedade contemporânea. E que encontraram já um canal de expressão através da mídia, influenciando jovens de todas as categorias sociais. O que contraria e remete à revisão de enfoques sociológicos que tradicionalmente encaravam as manifestações públicas de jovens pobres apenas no registro do desvio, da marginalidade ou da delinqüência.

Este movimento juvenil exprime-se, sobretudo, através de manifestações artísticas e de ações sociais, e representa uma afirmação da parcela mais desfavorecida da sociedade, aquela que habita as periferias da cidade e que tem as marcas das discriminações associadas à negritude e à exclusão social.

Um dos aspectos importantes do movimento é a consciência que ele demonstra da situação de pobreza e exclusão vivenciadas e do processo de fragmentação da cidade. As letras dos raps constituem uma espécie de crônica do

cotidiano da cidade e atraem os jovens também pela facilidade do acesso a esse meio de expressão. Segundo a cultura do hip-hop qualquer um pode compor um rap e falar sobre sua experiência na cidade.

Em João Pessoa o movimento se expandiu principalmente a partir da década de 1980 e chegou inicialmente através da televisão. Alguns jovens ficaram impressionados com o modo de dançar apresentado por alguns grupos de hip-hop e decidiram então se reunir para tentar reproduzir os passos da dança. O local de encontro era o Espaço Cultural, órgão do governo do Estado onde se desenvolvem atividades artísticas, cursos de arte, shows, etc. Do convívio ali praticado, surgiu um grupo que se identificava com o hip-hop - o Justa Causa - e que constituiu o núcleo inicial do movimento na cidade. Posteriormente este grupo subdividiu-se em dois novos grupos: Tribo Ethos e Auto-Controle.

Outro participante do movimento, o Mappa, divide sua história em dois momentos: a primeira geração representada pelos grupos citados acima e a atual, que envolve um número maior de grupos. Para este rapper entrevistado, seu contato com o hip-hop se deu através de um carro de som que circulava em torno do mercado de Mangabeira, bairro situado na periferia da cidade e onde ele mora. Seu interesse pela música iniciou-se com o funk e no início da adolescência costumava freqüentar os bailes da cidade. Posteriormente conheceu um rapper da primeira geração, começou a freqüentar o pessoal, escutar raps e a partir "daí foi se formando no rap". Até hoje observa-se que os grupos juvenis, de modo geral, se formam e também se dissolvem com muita facilidade, se recompõem ou migram para outros gêneros musicais.

Aconteceram algumas tentativas de trabalho conjunto, articulando diversos grupos do movimento, a chamada Caravana do Hip-hop, que tentou difundir o movimento nos bairros da periferia, mas a iniciativa não teve duração muito longa.

Atualmente foram identificados 10 grupos de hip-hop na cidade - Aliados de Mangabeira (Mangabeira), Realidade Crua (Torre, Funcionários), Reação da Periferia (Mangabeira), Primatas do Mutirão (Nova República), Criados na Rua (Funcionários), O Predador (Mangabeira), Revolucionários do Rap (Funcionários), Atitude Urbana (Geisel, Funcionários e Mangabeira), Segure o B. O. (Mangabeira), Afronordestinas (Funcionários, Torre). A maioria se situa em bairros da região sudoeste, que se expandiu após a década de 1970 em consequência de intervenções do BNH, com a construção de grandes conjuntos habitacionais direcionados à população de renda média e baixa da cidade.

O movimento não se apresenta uniforme e algumas tendências puderam

ser identificadas no seu interior: a Tribo Ethos, que iniciou o movimento na cidade, dedica-se atualmente a uma fase mais experimentalista, pesquisando instrumentos e ritmos musicais diferentes, mesclando músicas de fontes culturas diversas. Os grupos Reação da Periferia e Primatas do Mutirão fazem um som mais politizado, com letras que retratam o cotidiano da periferia. Este é também o caso do grupo Realidade Crua, que além de um discurso politizado procura também mesclar o rap com ritmos e instrumentos musicais nordestinos.

Um dos principais grupos de hip-hop da cidade, o Primatas do Mutirão é formado por jovens que habitam um aglomerado urbano - Mutirão Nova República, que situa-se por trás do Conjunto Geisel. Trata-se de uma área urbanizada, diferenciando-se do bairro vizinho pelo padrão construtivo inferior, pelo reduzido tamanho das habitações e pela falta de equipamentos urbanos mais expressivos, como praças, posto policial, centro comunitário, etc. Tem 2.200 moradores que se distribuem em 480 domicílios."

Este local tem aproximadamente 15 anos e é habitado principalmente por funcionários da prefeitura municipal. Logo após o Mutirão Nova República encontra-se a favela Tieta, que segundo os moradores do primeiro é um lugar de muita violência. Os jovens da área reclamam da falta de opções locais de lazer, eles se divertem jogando futebol e praticando o skate na rua principal do conjunto Ernesto Geisel.

A maioria dos jovens contatados é formada por desempregados ou subempregados e apelam para pequenos serviços como forma de conseguir algum dinheiro. O líder do grupo de hip-hop transformou uma sala de sua residência em oficina de consertos eletrônicos, onde tenta garantir a sobrevivência.

Qual a leitura que os rappers paraibanos fazem da cidade e dos seus jovens?

Encontramos nas letras do rapper Cassiano Pedra uma consciência trágica da realidade urbana da periferia. No rap 'Inferno na Periferia' o tema é a violência a que é submetido o jovem da periferia, violência que se expressa no plano material e simbólico. Ora é o atropelamento do "irmãozinho" pelo automóvel em alta velocidade, ora é o tratamento recebido da polícia, que comemora "um delinquente a menos" e pune qualquer gesto de insubmissão. Há sempre uma contraposição entre os manos, os irmãozinhos e os policiais, o inimigo real nominado. A letra fala

ainda do sentimento de revolta diante das injustiças, sentimento expresso em linguagem forte, em xingamentos e que às vezes vem acompanhado do sentimento de impotência diante da revolta.

Outro tema constante é o racismo e a necessidade de luta contra ele. Em outro rap ele afirma: "o mano foi discriminado no trabalho dando duro, ainda foi humilhado, por ser preto, pobre, ele e toda sua prole, discriminado no trabalho, só Deus é quem acolhe, nos ele va a auto-estima, prepara para a batalha, informação é a saída no combate aos canalhas". Os integrantes do hip-hop são considerados os "guerreiros da parada" e "as periferias estão cheias não de balas e sim de palavras"; o lugar é descrito como um bairro humilde, onde só tem guerreiro; a esperança também comparece: "mas um dia as coisas mudam". A periferia é descrita com palavras fortes - submundo - e a desvalorização que sofre seu habitante é percebida e condenada: "vivendo no submundo, chamado de João ninguém, se dando um trampa, o fulano é alguém".

As letras do rapper Cassiano Pedra condenam as drogas e indicam para os manos o caminho da escola como saída para a precariedade de condições atuais. Apresentam também referências à vida na periferia, à violência e aos estigmas de que são alvo:

João Pessoa, cidade verde, Zona Sul,
O hip hop na batalha pra salvar mais um
Do meu irmão eu tenho o maior orgulho,
É menor, mas crescer sem fazer barulho,
Eu tô sabendo, ele também tem seus figuras,
A nova geração que vem das ruas,
Muito mais postura,
Então chega, matar não é saída não,
Fique ligado no rap, Primatas do Mutirão,
Tenho pouca idade mas cenas, pessoas então,
Neguinho de ferro na cinta, dando porrada na cara do outro
irmão,
Fiquei triste mas não pude fazer nada,
Vendo mais um morrendo aqui na nossa quebrada,
A barra é pesada, na mente várias sequelas,
Esqueço e vou pra escola,
Pois sei que lá o futuro me espera,
Tá pensando que não penso, a minha mente é a arma,
O rap é a bala, a língua o gatilho,
E a verdade que mando não falha,

Não sou gentilha, sou mais um filho da luta,
Lutando pra sobreviver, aqui no Nova República.

Trata-se de um rap que discorre sobre as dificuldades da vida na periferia, a violência precoce, assassinatos entre irmãos, porrada na cara do outro e também sobre a saída oferecida pelo hip-hop: "o hip hop na batalha pra salvar mais um". O tema da luta, da batalha é uma constante, o cenário urbano é o da guerra e as armas da batalha são o rap e a língua. As letras deste rapper há uma preocupação muito forte com o acenar de caminhos, a busca pela educação, a distância em relação ao mundo das drogas.

Outro compositor, o Mappa, também faz raps sobre a cidade, um dos quais se intitula 'Na área de cada um', onde afirma:

A sua área, só você conhece,
Lá só você sabe mesmo o que acontece
Se é um tiroteio, assassinatos, fatos sangrentos,
Cotidiano sempre assim, sempre violento.
Um dia já foi vítima, se não foi um dia vai,
Mas aí consequência onde é difícil a paz,
João Pessoa de qualquer outra cidade não é diferente.
Dia após dia a violência é crescente.

Rap que fala sobre o conhecimento do lugar, da violência que lá impera, e da rua como lugar do medo: "Em casa eu tô em paz, na rua é muita treta." Em outro momento aparece a consciência da diferença, ao tematizar sobre as carências de seu bairro: "nada disso ou daquilo que os playboy possui, é só pobreza e violência que nos influi".

O ímpeto guerreiro, a dimensão da cidade como espaço de luta e a falta de perspectiva enfrentada pelos jovens da periferia são temas constantes nos raps deste compositor:

Tô aqui é ... de mangas arregaçadas
Junto com os manos Dj Dai e Metralha
Difícil batalha, condições precárias
Mas periferia é assim mesmo
Encaro de frente, de lutar não tenho medo
Para os poderosos isso não é apelo
Muito menos pelos maluco tiroteio
Falo do que, do que nos revolta

Injustiça, droga, polícia, desigualdade e violência
Tudo influencia quando na adolescência
Pois não existe perspectiva de vida para o futuro

Mas a força da palavra é enfatizada e associada com imagens fortes. As palavras podem se infiltrar nos sujeitos, perturbá-los, provocar questionamentos identitários:

Engatinho o cano, conto até três e atiro
Pô, tô na minha, t ô cabreiro, t ô tranquilo
A bala penetrou na sua mente
Foi até lá se alojou no subconsciente
Fico dentro de ti um questionamento
Bandido ou mocinho, quem sou eu no momento
Rha... Rha... você poderá me responder
Sim ou não, otário, quem é você
O mundo é grande a gente se perde
A vida por linhas tortas é que se escreve
Então se líga, siga um caminho que reto é um só
Estreito pequeno difícil esse mundo é fudido sabemos de cor

Há tensão entre o mundo sempre visto como algo perturbador e o hip-hop aponta o caminho a ser seguido para evitar se perder.

As letras dos raps analisados apresentam em comum a indignação dos jovens com o lugar que ocupam na sociedade. Seus locais de origem são nomeados, há certo orgulho nesta inscrição e, ao mesmo tempo, é muito forte o sentimento de estigma, a oposição que é expressa entre os manos - o habitante da periferia - e os playboys que habitam bairros mais nobres da cidade.

Trata-se, portanto, de um modelo de construção da juventude que destaca seu aspecto fragmentado. Não há juventude, mas juventudes, e a da periferia está indignada com o descaso a que está relegada, não se sente parte da mesma juventude que desfruta de melhores condições de vida. Fala para seus pares na tentativa de conscientizá-los, caminho que considera viável para uma revolução, nomeada, mas pouco explicitada, que conta apenas com a união, com a força dos iguais e a da palavra. Ao lado desta dimensão mais política os rappers também vêm no movimento um caminho de profissionalização.

A linguagem dura do rap é sintomática das desigualdades reais e simbólicas que conformam a cidade e constitui uma resposta que acredita no poder da palavra, na denúncia das condições de vida como meio de conscientização e de luta por

alternativas para o povo pobre da periferia. A disseminação deste movimento revela a não aceitação das condições atuais e o desejo de integração à cidade, desejo que é partilhado principalmente por sua população mais jovem.

João Pessoa, cidade de porte médio, compartilha alguns dos problemas típicos dos grandes centros urbanos. Destacamos aqui a tendência à constituição de um tecido urbano pouco democrático, que segmenta os grupos sociais em diferentes bairros, valorando-os diferentemente em termos materiais e simbólicos segundo o poder e a riqueza de seus integrantes. E a tendência à restrição do espaço público enquanto se amplia o privado, criando privilégios e estigmas que separam as pessoas, estimulando antagonismos e um clima propício à irrupção da violência

Uma parcela do comportamento juvenil parece responder a este estado de coisas, redesenhando o traçado urbano, ultrapassando limites simbólicos, reapropriando-se da cidade fugidia. Sua parcela mais pobre vem encontrando na música e em outras formas de expressão um canal de manifestação de descontentamento, que aponta para a urgência da tarefa de repensar o tecido da cidade.

Referências

- ABRAMO, H. W. 1994. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta.
- ABRAMOVAY, M. et al. 1999. *Gangues, galeras, chegados e rappers*. Rio de Janeiro: Garamond.
- ARCE, J. M. W. 1999. *Vida de barro duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- ARIÈS, P. 1981. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- CALDEIRA, Teresa P. do R. 2000. *Cidade de muros*. São Paulo: Editora 34; Edusp.
- CARVALHO, MaR. 2000. Violência no Rio de Janeiro: uma reflexão política. In: PEREIRA, C. A. M. et al. (Org.) *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco.
- CASTELLS, Manuel. 1999. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.

- EISENSTADT, S. N. 1976. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva.
- GIDDENS, A. 1991. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. Secretaria do Trabalho e Ação Social. Fundação de Ação Comunitária (FAC). 1998. *Aglomerados subnormais: diagnóstico e sugestões*. João Pessoa.
- GROPPO, Luís Antônio. 2000. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2000. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE.
- MAGNANI, José Guilherme C. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29.
- MEDEIROS, F. Q.; NUNES, R. M. 1998. *O rock paraibano nos anos 80*. João Pessoa: Marca de Fantasia; Editora UFPB.
- MINAYO, C. et al. 1999. *Fala galera*. Rio de Janeiro: Garamond.
- PROST, Antoine. 1992. Transições e interferências. In: ARIÉS, P.; DUBY, G *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras.
- QUIROGA, A. M. 2000. Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais. In: PEREIRA, C. A. M. et. al. (Org.) *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco.
- QUIROGA, A. M.; B.SALLET; SEPÚLVEDA, T.M. 2001. Integração social na cidade. In: ENCONTRO BIENAL PROGRAMA URB-AL, 2., Rio de Janeiro.
- RAMOS, Ana Bárbara. 2001. *Radar: uma publicação do alternativo paraibano*. Monografia (Conclusão do Curso de Comunicação Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- SCHINDLER, N. 1996. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna. In: LEV!, G; SCHIMIDT, 1. (Org.) *História dos jovens: da Antiguidade à Era Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras. v. 1.